



EIXO TEMÁTICO:

Compartilhamento da Informação e do Conhecimento

APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO: O POTENCIAL LIBERTÁRIO DA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO.

APPROPRIATION OF INFORMATION: A LIBERAL POTENTIAL OF KNOWLEDGE SOCIETY

Ellen Valotta Elias Borges (Unesp) - ellenvalotta@yahoo.com.br

Mariana Rodrigues Gomes de Mello (Unesp) - marianagerdemello@bol.com.br

Resumo: Na atual revolução midiática, a efemeridade da informação gera comportamentos que privilegiam a rapidez e menosprezam a reflexão, tornando o homem refém do próprio progresso e da racionalidade capitalista. A ciência, a tecnologia e o conhecimento, que deveriam ser facilitadores da vida humana, estão perdendo consideravelmente o potencial libertário, tornando-se cada vez mais refém da mídia de massa. Presenciamos todos os dias um dilúvio informacional gerado pelo grande desenvolvimento dos meios de acesso a informações. Entretanto, este desenvolvimento reforça outro problema: a dificuldade de apropriação. A possibilidade de acesso informacional não garante a apropriação daquilo que se consegue acessar. Ainda que haja apropriação, há outro problema: o tipo de apropriação. Apesar de vivermos na chamada sociedade do conhecimento que estimula o compartilhamento de informação, também vivemos na mesma sociedade capitalista cujo foco principal é lucrar ao invés de esclarecer. A conquista do lucro muitas vezes está associada à produção de métodos apropriados de manipulação. Nesse sentido, a desinformação é uma arma mais poderosa que a informação. O mito capitalista que defende a ideia de que conhecimento é poder gera atitudes negativas no compartilhamento de informações. Compartilhar o poder significa tornar-se mais fraco, ou seja, a informação nunca poderá ser inteiramente segura. A desconfiança sobre a veracidade de tudo aquilo que é transmitido pela mídia de massa é cada vez mais frequente, gerando conflitos sociais. Desta forma, a proposta de uma apropriação ampliada visa o desenvolvimento de um sujeito capaz de considerar elementos que estão além da decodificação dos signos linguísticos e mais próximos das relações sociais, criando, assim, uma visão informacional acompanhada por um potencial libertário cujo papel é transformar a realidade que nos cerca.

Palavras-chave: Apropriação Ampliada. Conceito de Informação. Mídia de Massa.

Abstract: The current media revolution generates ephemeral information by producing behaviors that focus on information speed and ignore the reflection, becoming the man a hostage of capitalist rationality. Science, technology and knowledge should be facilitator of human life; however they are lost their liberal potential, becoming more and more hostage of mass media. We see an information flooding every day because of the development of information resources. However, it does not mean appropriation. Freedom of the access to information is no guarantee of appropriation. However, even if there is appropriation, it must

be considered the kind of appropriation. Although we live in the knowledge society that encourages the information, we live in the same capitalist society where the only thing that matters is to maximize profits rather than clarify information. Most of time profit is related to production of appropriate methods of manipulation. In this sense, it could be said that disinformation is a much more powerful weapon than information. The capitalist myth that knowledge is power generates negative actions in relation to information sharing. According to this myth, the more you share information, the weaker you become, that is to say that information can never be completely safe. Mistrust of information provided by mass media is more and more frequent, which generates social conflicts. So, this study suggests a wider appropriation in order to develop a subject able to read a text beyond linguistic signs, considering social relations during the reading process, which is crucial for developing an information view based on a liberal potential whose role consists of transforming the reality around us.

Keywords: Wider Appropriation. Concept of Information. Mass Media.

1 INTRODUÇÃO

A tese central exposta na obra *Dialética do Iluminismo* de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno foi uma das mais influentes do século XX e está na base da teoria crítica moderna, vista como capaz de construir uma visão transformadora da realidade. Para os filósofos, o projeto iluminista original foi um mito que levou a humanidade ao impasse, no qual a Ciência está a serviço da opressão. Ao invés de libertar os homens, trouxe o potencial de destruição em massa. Trazemos esta crítica para a área da Ciência da Informação para reflexão acerca da apropriação massificada que cega ao invés de orientar e confunde ao invés de esclarecer. São tantas informações ligadas a interesses pessoais que a veracidade das informações sempre é questionada.

O filósofo Theodor W. Adorno é um dos mais renomados representantes da Escola de Frankfurt e unindo-se a Max Horkheimer, tece uma rigorosa crítica à filosofia iluminista do século XVIII, isto é, ao legado da Ilustração, e, por extensão, à moderna sociedade tecnológica capitalista. É comum em toda filosofia marcada pelo ideal iluminista, consagrar a razão como uma força histórica capaz de libertar a humanidade de seus grilhões, fazendo do mundo um lugar próspero e feliz. Adorno e Horkheimer apresentam a razão iluminista, desenvolvida pela burguesia do início da era moderna, como emancipadora e instrumental. Contudo, a razão emancipatória, paulatinamente, foi sendo ofuscada pela razão instrumental, na medida em que a burguesia impõe o seu projeto de dominação às demais classes

sociais. Presenciamos, ainda nos dias atuais, a imposição de informações prontas que chegam todos os dias pela mídia de massa cujo foco central está no lucro. Ramonet critica o uso que este tipo de mídia faz da informação. Para o autor, há uma disputa de poder entre os grupos midiáticos que interfere negativamente no papel reflexivo da informação, pois “[...] concorrência desenfreada entre grupos midiáticos leva a mídia a abandonar mais ou menos cinicamente, sua finalidade cívica. O que conta é a rentabilidade econômica, o lucro” (RAMONET, 1999, p.62).

Na atual revolução midiática, a efemeridade da informação gera comportamentos que privilegiam a rapidez e menosprezam a reflexão. As relações entre sujeito e informação acontecem muito mais no âmbito da diversão e quase nunca no âmbito da reflexão. Esta nova forma de relacionamento com as mídias de massa atinge não apenas o comportamento dos indivíduos, mas, principalmente o conceito de valor da informação. Segundo Ramonet (1999, p.63), “[...] as informações devem ter três qualidades principais: serem fáceis, rápidas e divertidas”.

Nesse sentido, é preciso suscitar novos questionamentos acerca do valor da informação e considerar que a importância do ato informativo não está na disseminação e no acesso à informação, mas na capacidade de apropriação.

1 A INFORMAÇÃO E A MÍDIA DE MASSA

O presente estudo faz uma relação intensa com acrítica apresentada por Adorno e Horkheimer sobre o modelo científico patrocinado pela burguesia, que resulta na racionalidade totalizante do mundo moderno. Os autores almejam mostrar que a ciência e a técnica, pressuposto de libertação do homem da visão mágica do mito, na realidade, servem de base para a criação de outro mito mais forte, isto é, a razão instrumental, a própria técnica. Na atualidade podemos estender este conceito à própria mídia que muitas vezes está a serviço de interesses econômicos e políticos, produzindo contrainformação ao invés de informar.

Todavia, a toda cultura implica uma contracultura que age de maneira contrária a fim de rejeitar os valores dominantes e introduzir a reflexão e a crítica. Da síntese entre teses antagônicas desse processo dialético, surgem novos conhecimentos que oferecem uma nova axiologia à informação. Porém, este processo que é fundamental, na maioria das vezes, é prejudicado pela revolução midiática que sobrepõe a rapidez na oferta de dados à reflexão.

O progresso tecnológico influencia diretamente o modo de receber, interagir e produzir informação. Cria-se uma cultura do saber superficial movida por jogos de interesses. Forma-se, assim, uma relação de consumo em que se oferta uma informação superficial e desinformação profunda. Em troca, o consumidor se apropria desta informação como sua, de forma irrefletida e paga caro por ela.

O grande problema da mídia de massa é a capacidade de gerar notícias com cunho de verdades absolutas. Ínfimos são os debates ou questionamentos. Além disso, os poderosos monopólios de comunicação, estreitamente atrelados ao sistema capitalista, impedem que haja outros posicionamentos. A informação é quase sempre tendenciosa e parcial. O papel democrático dos meios de comunicação fica comprometido em face das técnicas de manipulação. Tal fato gera desconfiança e incredibilidade por parte de uma pequena parcela da sociedade. A maioria da população é convencida, sem questionar, sob um único ponto de vista.

Desse modo, retomando o diálogo com Adorno e Horkheimer, o homem passa a ser refém do próprio progresso e da racionalidade técnica, visto que a ciência, a tecnologia e o conhecimento idealizado pelos pensadores modernos, como facilitadores da vida humana, vão perdendo consideravelmente o potencial libertário e ficando cada vez mais refém da mídia de massa. De acordo com Adorno e Horkheimer:

O que não se ajusta às medidas da calculabilidade e da utilidade é suspeito para o Iluminismo. Uma vez que pode desenvolver-se sem ser perturbado pela opressão externa, nada mais há que lhe possa servir de freio. Com suas próprias ideias sobre os direitos humanos acontece o mesmo que acontecera com os antigos universais. Cada resistência possa apelar, esses mitos, pelo simples fato de se tornarem argumentos numa tal contestação, aderem ao princípio da racionalidade demolidora pela qual censuram o iluminismo. O iluminismo é totalitário (ADORNO E HORKHEIMER, 2005, 27).

Posto isto, pode-se dizer que aquela filosofia que pretendia ser esclarecedora, na verdade não era, pois nela se escondia uma nova ideologia. O Iluminismo esclarece e ao esclarecer denuncia o próprio esclarecimento como mitológico e ideológico, pois a razão, tentando acabar com o pensamento mítico, assume traços do próprio mito, não sendo capaz de identificar a própria irracionalidade que ela produz.

Para elucidar toda a problemática da razão instrumental, Adorno e Horkheimer fazem o uso dos mitos gregos, na medida em que entendem que o estilo de dominação que há nestes mitos é o mesmo encontrado na racionalidade técnica.

A fim de mostrar o entrelaçamento entre mito, dominação e trabalho, Adorno e Horkheimer utilizam-se da alegoria do canto das sereias relatada no Canto XII da *Odisseia* de Homero. Na visão dos autores, o canto das sereias equivale-se às técnicas da sociedade capitalista, aquilo que não esclarece, ou seja, o entorpecer da razão. O capitalismo tende a dominar o indivíduo para que ele perca a capacidade reflexiva. Da mesma forma, a informação veiculada pela mídia de massa coloca-se, sobretudo, a serviço da reprodução de interesses de grupos específicos. Nesse sentido, cabe refletir sobre a falsa democracia representada por uma mídia que no lugar de esclarecer, cega e manipula. Para Ramonet (1999, p.28) “A informação se tornou de verdade e antes de tudo uma mercadoria. Não possui mais valor específico ligado, por exemplo, à verdade ou à sua eficácia cívica”.

Portanto, se faz necessário destruir tal mito opressor, a fim de resgatar, sobretudo, o indivíduo em sua totalidade. O papel da crítica é denunciar os vários tipos de fetichização da sociedade hodierna, pois para Adorno e Horkheimer, o conhecimento é algo próprio de uma racionalidade crítica. Não se é racional pela potencialidade de consumo, pelo domínio da natureza ou da técnica, tal como os moldes capitalista, mas pelo potencial crítico.

Para que se dê a emancipação da humanidade, Adorno e Horkheimer defendem liberdade transcendental a individualidade como valor fundamental do humano, contrapondo-se à razão iluminista, que faz com que o homem tenha que se reconhecer num outro Eu, considerando-se tal tipo de subjetividade como perda do estrato profundo do Eu mediante a repressão dos instintos ou a renúncia ao prazer. Acerca disso, diz Adorno:

A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão. Essa regressão não se restringe à experiência do mundo sensível ligada a uma proximidade de carne e osso, mas afeta ao mesmo tempo o intelecto autocrático que se separa da experiência sensível para subjugar-la. A uniformização da função intelectual, por força da qual se prefaz a dominação sobre os sentidos, a resignação do pensar à produção da unanimidade, significa empobrecimento tanto do pensar como da experiência; na separação dos dois reinos importa em danos para ambos [...] (ADORNO E HORKHEIMER, 2005, 50)

Porém, a emancipação não significa, apenas, a reabilitação da sensibilidade contra o primado da razão. Não se trata, apenas, de reabilitar as faculdades humanas divididas e massacradas pela razão instrumental, mas de reencontrar e de reconciliar o homem com a natureza. A emancipação implicada no triunfo da razão que não funciona sob duras regras, isto é, mediante constrangimento, pela força, tal

qual o pensamento mítico sobre o mito representa a tarefa histórica de deixar os instintos sob o controle da opressora razão instrumental.

Em vista do que foi mencionado, pode-se dizer que há um conjunto de acontecimentos históricos que impedem a liberação das potencialidades inerentes à condição humana. Ademais, o apreço em torno da razão iluminista, vigente século XVIII e nos seguintes, resultou, precisamente, no triunfo do mito da razão soberana, seguido de todas as suas sequelas no que tange ao desenrolar da história, sobretudo, na do século XX. O ideal da humanidade de fazer uso da técnica para explorar racionalmente a natureza a serviço da humanidade restou-se infrutífero. Ocorre que o homem ao dominar completamente a natureza, passou a dominar a própria humanidade, porém perdeu o domínio de si mesmo. A informação que manipula e domina impede o processo de apropriação que se anula na cegueira dos interesses próprios. Aquilo que tem o papel de informar e transformar surge de modo desfigurado e acaba desinformando, manipulando e formando nos moldes que são requisitados para o momento atual. Os meios de informação não vão alterar a rapidez e o fluxo informacional. É o sujeito que precisa adequar-se e evoluir em pensamento em conjunto com a evolução dos meios de comunicação. Mesmo com as falhas presentes, não há outro caminho para a democratização que não seja por meio da informação. Nas palavras de Ramonet:

Ninguém nega a indispensável função da comunicação de massa numa democracia, pelo contrário. A informação continua sendo essencial ao bom andamento da sociedade, e sabe-se que não há democracia possível sem uma boa rede de comunicação e sem o máximo de informações livres. Todo mundo está de fato convencido de que é graças à informação que o ser humano vive como um ser livre. E, não obstante, a suspeita pesa sobre a mídia (RAMONET, 1999, p.11).

O avanço tecnológico propicia cada vez mais o acesso aos meios e canais de comunicação. Entretanto, nota-se um grande desequilíbrio entre o desenvolvimento científico e social no tangente à informação. Grandes revoluções e evoluções tecnológicas, sociais e econômicas trazem à tona reflexões sobre o termo informação ainda muito discutido na realidade acadêmica da área da Ciência da Informação. Porém pouco se vê na mudança comportamental dos indivíduos perante a informação. É preciso refletir sobre esta relação entre sujeito e informação.

2 O USO DA TECNOLOGIA: UMA ILUSÃO DE APROPRIAÇÃO

Considerando a atualidade tecnológica em que vivemos, é fácil relacionar tecnologia com informação. É, na maioria das vezes, por meio de aparelhos tecnológicos que os indivíduos se apropriam de informações. Esta é a grande transformação social da informação. De acordo com Capurro e Hjørland (2007, p.149) “[...] o que torna a informação especialmente significativa na atualidade é sua natureza digital”. Informação e conhecimento sempre estiveram presentes em nossa sociedade. Entretanto, não é simplesmente a presença desses elementos que caracteriza nossa sociedade como sociedade da informação ou sociedade do conhecimento. A importância não está no elemento em si, mas na forma como este elemento se relaciona com os integrantes da sociedade, ou seja, o fator responsável pelas transformações sociais decorrentes da chamada era da informação é a forma tecnológica de compartilhar informações. Ainda, segundo os autores, “Quando usamos o termo informação em CI, deveríamos ter sempre em mente que informação é o que é informativo para uma determinada pessoa. O que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo [...]” (CAPURRO;HJORLAND, 2007, p.154-155).

Toda essa transformação contemporânea dos modos de aprender a realidade está relacionada a conhecimentos baseados na tecnologia e na inovação. Castells aborda a influência tecnológica na sociedade da informação:

Frequentemente, a sociedade emergente tem sido caracterizada como sociedade de informação ou sociedade do conhecimento. Eu não concordo com esta terminologia. Não porque conhecimento e informação não sejam centrais na nossa sociedade. Mas porque eles sempre o foram, em todas as sociedades historicamente conhecidas. O que é novo é o facto de serem de base microelectrónica, através de redes tecnológicas que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social: as redes (CASTELLS, 2006, p.17).

Tais interferências tecnológicas têm consequências diretas na forma de assimilar conhecimentos, agindo diretamente nas práticas e ações dos indivíduos. Os efeitos dos usos sociais da própria tecnologia são responsáveis pelas alterações não apenas sociais, mas também tecnológicas. As relações virtuais são capazes de unir mentes que se encontram a quilômetros de distância e não param de interagir por trocas de informações e transmissão de significados que acontecem dentro de um ciberespaço e que estão em constantes transformações.

Para Lévy (1992, p.15), “A imensa rede associativa que constitui nosso universo mental encontra-se em metamorfose permanente”. Tal metamorfose é multidimensional e afeta não apenas a forma de pensar e agir dos usuários, mas também os elementos internos do texto, o que influencia diretamente na apropriação das informações. O hipertexto é um tipo de leitura não linear que oferece ao leitor possibilidades de criar e recriar seu próprio roteiro de leitura, selecionando e excluindo as informações de acordo com suas necessidades e preferências. Sendo assim, a apropriação depende das habilidades de navegação do usuário, ou seja, a assimilação das informações depende da forma como a internet é utilizada.

As relações virtuais podem gerar aspectos positivos ou negativos de acordo com o uso que se faz do ciberespaço. Nas palavras de Cardoso: “[...] a Internet é uma ferramenta para a construção de projectos, no entanto, se ela for apenas utilizada como mais um meio de fazer algo que já fazemos, então, o seu uso será limitado e não necessariamente diferenciador face a outros media existentes [...]” (CARDOSO, 2006, p.32). Da mesma forma, a mídia de massa pode gerar aspectos positivos ou negativos de acordo com o tipo de apropriação. Se a informação não for pensada e refletida, será apenas reproduzida. Por outro lado, se ela gerar dúvidas, pode trazer reflexões que possibilitarão uma apropriação ampliada que consegue ver além daquilo que está por trás das estratégias de publicidade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A apropriação da informação é definida por este trabalho como uma interação entre texto e leitor dentro de um contexto social específico. Sendo assim, podemos caracterizá-la como um fato social. Feita esta caracterização, antes de descrever os procedimentos metodológicos que nortearão o desenvolvimento desta pesquisa, é importante definir o que se entende por fato social. Para Durkheim (2007), nem todos os fatos são considerados sociais para objeto de estudo da sociologia. Para ele há diferenças entre os fenômenos naturais e sociais:

Eis portanto uma ordem de fatos que apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele. Por conseguinte, eles não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, já que consistem em representações e em ações; nem com os fenômenos psíquicos, os quais só têm existência na consciência individual e através dela. Estes fatos constituem portanto

uma espécie nova, e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de sociais. (DURKHEIM, 2007, p.3-4)

Partindo das ideias apresentadas, este trabalho possui uma abordagem socioculturalista da psicologia social contemporânea que se desenvolve seguindo a influência de Lev Vygotsky que possui afinidades com o pensamento pós-moderno, apresentando a convicção de que o conhecimento é uma construção social. Faz-se necessário delimitar o estudo desta pesquisa e defini-lo dentro de uma abordagem sociológica. Segundo Castañon

A psicologia social contemporânea de abordagem sociológica, acredita que o objeto de estudo da disciplina deva ser as representações sociais, e não individuais. Ou seja, a Psicologia Social de caráter sociológico rejeita a psique individual como objeto de estudo da psicologia, e tenta estabelecer como objeto da disciplina temas de estudo da sociologia (CASTAÑON, 2004, p.68).

Este trabalho apresenta uma orientação social construtivista com base no construcionismo social apresentado por Gergen (apud CASTAÑON, 2004). Partimos do pressuposto de que a linguagem é um sistema complexo e sua existência depende de seu uso que é realizado por interações sociais, A psicologia social de corrente sociológica contribui para compreender o ato de apropriação da informação, pois apesar de seu processo de aquisição ser realizado individualmente, seu uso é social. Sendo assim, cabe complementar que o objeto da psicologia social deve ser os fenômenos mentais coletivos, como linguagem, religião, costumes mitos, etc. De acordo com Castañon (2004, p.68), “Esses fenômenos são para essa abordagem manifestações externas da mente, não sendo passíveis de serem estudados através da introspecção. Sendo coletivos, eles emergiriam de interações sociais entre indivíduos”.

É assim que entendemos a construção do conhecimento por meio da linguagem: o conhecimento é individual, mas age e se transforma no coletivo. Assim acontece o processo de leitura de um texto e da apropriação de sua informação. As palavras ali presentes, embora aparentemente isoladas, estão carregadas de valores ideológicos que estão sempre se deslocando e realizando interações sociais entre indivíduos que produzem e consomem informações a cada segundo. Nas palavras de Gergen “O Construcionismo Social concebe o discurso sobre o mundo, não como um reflexo ou como um mapa do mundo, mas como um produto da interação social” (1985, p.266 apud CASTAÑON, p. 71-72, 2004). Esta visão construcionista é consequência do desenvolvimento da teoria de Thomas Kuhn. Desde então, a

sociologia não se vê mais restrita à análise dos fatores externos que influenciam a produção do conhecimento, mas torna-se capaz de analisar o conteúdo deste, ou seja, os aspectos internos do desenvolvimento científico. Desta forma, não há mais divisão entre sociedade e natureza, mas sim uma mistura entre homens e coisas, conteúdo e contexto, sujeito e informação. Em outras palavras, é preciso rever o conceito de informação e considerá-la como um fenômeno humano, social e cultural.

4 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Considerando que a Ciência da Informação é basicamente uma área consolidada por meio de um paradigma positivista é válido salientar que “Tal paradigma partilha com o positivismo todas as suas características: a explicação como sinônimo de simplificação, a quantificação, a busca por regularidades e leis e o conseqüente apagamento das singularidades” (ARAÚJO, 2009, p.203). A proposta desta pesquisa é colocar para discussão a necessidade de estudos que abordem uma nova perspectiva de estudos na área da CI já que de suas limitações apresentadas no campo de estudo, a principal ainda é “[...] a incapacidade de capturar aquilo que o método não dá conta de apreender: a informação subjetiva, dotada de sentidos diversos e inserida no terreno da experiência histórico-cultural” (ARAÚJO, 2009, p.203).

O texto escrito por Carlos Alberto Ávila Araújo faz uma revisão literária da área e comenta esta lacuna apresentadas por estudiosos da área e a imaturidade em relação ao conceito de informação. Trazemos esta reflexão para os dias atuais e ainda verificamos um pensamento hegemônico na área por meio de uma concepção positivista e objetivista que considera a informação como um dado e não como uma construção, deixando de considerar o sujeito e os contextos socioculturais no processo de apropriação da informação. Esta problemática é apresentada de forma crítica e reflexiva por Araújo:

Na confluência das contribuições das teorias citadas, bem como de outras que não foram citadas neste texto, desenha-se uma perspectiva nova de estudos da informação, que a entende não mais como coisa, mas como processo – algo construído, essencialmente histórico e cultural, que só pode ser apreendido na perspectiva dos sujeitos que a produzem, a disseminam e a utilizam. A informação deixa de ser apreendida como um objeto físico, com a mesma natureza de uma cadeira, uma pedra, um elemento químico, e passa a ser entendida como um fenômeno humano (portanto, cultural e

histórico) tal como o poder, a ideologia, a felicidade, entre outros (ARAÚJO, 2009, p.203).

A hegemonia de um pensamento positivista traz consequências não apenas para a área de estudo da CI, mas também para as relações sociais. São limitações dessa natureza que criam pensamentos limitados na área acadêmica e acabam dominando outros campos de atuação, como os meios de comunicação. As informações são manipuladas e criadas para suprir necessidades de grupos dominantes que utilizam a mídia de massa como um instrumento estratégico para alcançar seus objetivos. Este fato evidencia a complexidade do fenômeno estudado e a necessidade de romper o atual paradigma hegemônico positivista para a expansão de um paradigma de considera a informação como um fenômeno humano e cultural. Sendo assim, a ciência, a tecnologia e o conhecimento deveriam ser facilitadores da vida humana, entretanto estão perdendo consideravelmente o potencial libertário, tornando-se cada vez mais refém da mídia de massa.

Presenciamos todos os dias um dilúvio informacional gerado pelo grande desenvolvimento dos meios de acesso de informações. Entretanto, este desenvolvimento reforça outro problema: a dificuldade de apropriação. A possibilidade de acesso informacional não garante a apropriação daquilo que se consegue acessar. Ainda que haja apropriação, há outro problema: o tipo de apropriação. Apesar de vivermos na chamada sociedade do conhecimento que estimula o desenvolvimento crítico dos sujeitos, também vivemos na mesma sociedade capitalista cujo foco principal é lucrar ao invés de esclarecer. A conquista do lucro, muitas vezes está associada ao ato de convencimento e manipulação. Nesse sentido, a desinformação é uma arma mais poderosa que a informação. O mito capitalista que defende a ideia de que conhecimento é poder gera atitudes negativas no compartilhamento de informações. Compartilhar o poder significa tornar-se mais fraco, ou seja, a informação nunca é segura. As desconfianças sobre a veracidade de tudo aquilo que é transmitido pela mídia de massa são cada vez mais constantes, gerando conflitos sociais que podem ser amenizados se houver um trabalho aprofundado na crença de que apenas por meio da apropriação ampliada é possível construir uma visão transformadora da realidade.

Conclui-se que a informação, ainda que disponível não é usada por todos da mesma forma. Para Chauí “Não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância” (CHAUÍ, 2006). Essa

restrição linguística é o que nos move e nos faz enxergar além do texto escrito ou falado para compreender a diversidade de mensagens trazidas todos os dias pelo dilúvio informacional da internet que oferece um acesso infinito de informações. Entretanto, esse acesso não significa apropriação.

As relações comunicativas estão intimamente relacionadas com formações sociais e culturais. De acordo com Fadel (2010, p.13), “As pesquisas voltadas para a aprendizagem informacional contemplam as questões culturais, comportamentais e as competências que envolvem produtores, intermediários e usuários de informação [...]”. Ainda, segundo a autora, “o universo informacional é extremamente complexo e, por isso, atende de forma distinta às necessidades informacionais dos indivíduos. Nesse sentido, a cultura informacional precisa ser trabalhada em relação à produção, ao compartilhamento, ao uso e à apropriação da informação” (FADEL et al., 2010, p.15).

Ter acesso à tecnologia não é o mesmo que ter domínio das práticas tecnológicas. Apesar de a internet ser uma ferramenta de grande acesso, seu uso depende dos conhecimentos e habilidades de seus usuários. Para Castells (2006, p.19), “[...] difundir a Internet ou colocar mais computadores nas escolas, por si só, não constituem necessariamente grandes mudanças sociais. Isso depende de onde, por quem e para quê são usadas as tecnologias de comunicação e informação”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU PARCIAIS

O predomínio dos aparelhos tecnológicos como meios de disseminar informação gera uma ilusão de que o fácil acesso também gera uma fácil apropriação. Assimilar e compartilhar informações na atual sociedade do conhecimento é um processo corriqueiro e pouco refletido, o que interfere diretamente na construção do conhecimento.

A relação entre as dimensões social, cultural, política e econômica deve ser feita no sentido de buscar alfabetizar os cidadãos em relação à mídia. Constatamos que nem sempre a mídia favorece a compreensão da realidade e nos faz pensar sobre o seu papel como um processo de mediação. Faz-se necessário refletir sobre a noção da velocidade das diversas mudanças no que diz respeito à informação veiculada pelas mídias e considerar que há um grande desequilíbrio entre o tecnológico e o social, o objetivo e o subjetivo. O reconhecimento da velocidade

dessas diversas mudanças precisa estar relacionado ao reconhecimento da necessidade de intensificar a apropriação que consiga ir além do superficial, além das palavras explícitas. É preciso navegar nas entrelinhas das palavras e compreender aquilo que não está nas linhas, mas ficou no pensamento daquele que produziu. Se a informação é tratada como mercadoria, saibamos exigir uma mercadoria de qualidade. Precisamos reconhecer que há uma tensão constante entre o tecnológico, o industrial e o social. Tal reconhecimento é fundamental para o reconhecimento da mídia como um elemento que pode transformar a sociedade e atuar de forma positiva além das classes dominantes.

No contexto em que se evidencia a socialização da informação e o livre acesso ao uso da tecnologia e aos meios de comunicação, a informação deve ser tida como uma prática social envolta em ações dialéticas de atribuição e comunicação. Tal fato é capaz de gerar novos estados de conhecimento e provocar transformações nas relações sociais. Entretanto, é inconcebível percebermos que apesar da informação ser uma produção cultural digna de ser possuída, analisada e cultivada por qualquer cidadão, ainda, resta-se limitada no que diz respeito ao acesso efetivo e apropriação crítica.

Portanto, neste sentido, podemos afirmar que a crítica da Escola de Frankfurt ainda é muito atual ao questionar o progresso irrefreável e suas consequências, colocando-o no *status* de maldição, à medida que ao afetar o intelecto, a capacidade crítica das pessoas, desencoraja-as de serem autônomas, fazendo com que sejam guiadas por outrem, constituindo-se como seres heterônomos, ou seja, orientados por uma vontade exterior a si próprios. Para os filósofos da Escola de Frankfurt, a cultura jamais pode ser dissociada da crítica. Nesse sentido, é válido ressaltar dentro da área da CI que a informação jamais pode ser dissociada das relações sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **O conceito de Iluminismo**. São Paulo: Nova Cultural, 2005 (*Coleção Os Pensadores*).

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.12, n.1, p.148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

CARDOSO, Gustavo. Sociedades em transição para a sociedade em rede. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A sociedade em rede: do conhecimento à acção política**. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da moeda, 2006.

CASTANON, Gustavo Arja. Construcionismo social: uma crítica epistemológica. **Temas psicol.** Ribeirão Preto , v. 12, n. 1, p. 67-81, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 15 jul. 2017.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A sociedade em rede: do conhecimento à acção política**. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da moeda, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 11.ed.rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2006. Disponível em: <<http://www.abimaelcosta.com.br/2012/10/o-discurso-competente-marilena-chai.html>> Acesso em: 30 jun. 2015.

_____. **O que é ideologia**. 2004. Disponível em: <http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/Livros/O%20QUE%20%C3%89%20IDEOLOGIA%20-Marilena%20Chai.pdf>.. Acesso em: 30 jun. 2015.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FADEL, Bárbara et al. Gestão, mediação e uso da informação. In: VALENTIM, Marta (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

RAMONET, Ignácio. O poder midiático. In: MORAES, Denis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.243-252).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.